

Fim da legislatura

O Congresso encerrou praticamente a atividade legislativa desta expirante legislatura. Pelo menos até a conclusão do processo eleitoral não é previsível que ocorram novas votações e, depois de anunciados os resultados, só emergencialmente deputados e senadores em final de mandato se mobilizariam para tomar decisões politicamente importantes. Antes do encerramento da sessão legislativa, a 15 de dezembro, ainda poderá acontecer alguma coisa em função do quadro político e social que emergirá da eleição.

A legislatura que finda foi das mais importantes do período. No seu curso, iniciado sob a égide do Plano Cruzado, votou-se uma nova Constituição e realizaram-se eleições para presidente da República, para governadores estaduais e para renovação da totalidade da Câmara e das assembleias legislativas e de um terço do Senado. A Constituição permanece como um documento polêmico, tal como ela própria admitiu ao estabelecer que em 1993 um plebiscito nacional dirá se deve ser reformada ou não em alguns capítulos essenciais, como forma de governo e sistema de governo.

O Congresso que está se renovando assistiu à desagregação de partidos políticos, entre os quais o principal deles, o PMDB, que elegera a

grande maioria dos seus membros além de ter vencido a eleição de governador em 22 estados. E encerra suas atividades com a composição fundamentalmente alterada. A bancada peemedebista perdeu mais de 100 representantes na Câmara, reduzindo-se hoje a 130 dos quais pelo menos um terço é de dissidentes. Novas bancadas emergiram, como, por exemplo, a do PRN, partido inexistente quando o Congresso se constituiu. Mudanças importantes na composição da Câmara deverão ser apresentadas na legislatura que se iniciará no próximo ano.

Algumas figuras importantes estão deixando o Congresso. Alguns por se candidatarem a cargos executivos ou terem preferido ser ministros ou secretários de estado. Outros, por desencanto. Outros por carência de condições eleitorais. Caso singular é o de Luís Inácio Lula da Silva, que chegou à Câmara em 1986 com votação excepcional e como uma liderança nova na área político-social. Ele cresceu a ponto de disputar com possibilidades a Presidência da República, para a qual obteve mais de 31 milhões de votos. Lula, porém, não gostou da Câmara e não está de bem com a política. No final da votação que manteve o veto do presidente Collor ele se limitou a dizer que fez bem em deixar a Câmara.

Carlos Castello Branco

JORNAL DO BRASIL
24 AGO 1990